

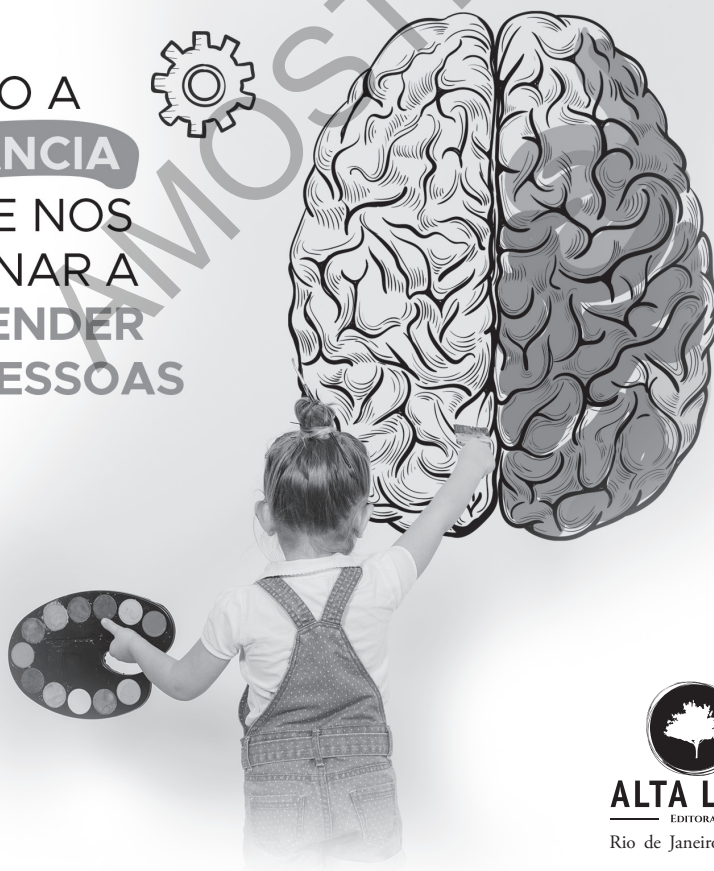
HENRY M. WELLMAN PhD
COM KAREN LIND



DECIFRANDO MENTES



COMO A
INFÂNCIA
PODE NOS
ENSINAR A
ENTENDER
AS PESSOAS



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

Sumário

<i>Prefácio</i>	<i>vii</i>
1. Decifrando Mentes: Uma Introdução	1
Como Tudo Começou	3
Decifrando a Mente das Outras Pessoas	4
Errar É Comum	5
A Vida sem Decifrar Mentes: Autismo e Cegueira Mental	7
Avançando	9
2. Decifreadores de Mente, Fofoqueiros e Mentirosos	11
Fofocas: É Possível Culpar Seu DNA Primata?	11
Decifrando Mentes: Aprofundamento	13
Mentiras, Malditas Mentiras... e Decepções	16
Como Identificar Mentirosos	17
Nosso Cérebro Social	23
3. Amigos, Segredos e Mentiras	25
As Crianças Dominam as Crenças Falsas	26
Mentiras e Decepções	30
Segredos e Ocultações	33
Persuasão	34
Ruby Bridges e a Falta de Amigos	35
4. Imaginação e Realidade	37
Real ou Imaginário: As Crianças Sabem Distinguir?	39
Amigos Imaginários	41
Misturando Mental e Real — Todos Nós Fazemos Isso	42
Resumindo	43
5. Revelando a Teoria na Teoria da Mente	45
Temple Grandin: Pensando por Meio de Imagens	47
Teorias Cotidianas	48
6. Bloco a Bloco	53
Construindo uma Teoria da Mente	55
Subindo Degraus	58
Assistindo à Formação de uma Língua de Sinais	60
Reforçando a Teoria da Mente	61
As Sequências Podem Variar?	63
Teorias Geram Teorias	65
Construindo com Blocos	66
7. Baby Boom	67
A Compreensão Social dos Bebês	67
Como É Feito	68

Como os Bebês Entendem as Pessoas	71
Questões Adicionais	73
Aprendizagem Humana: O Verdadeiro Baby Boom	76
8. Superpoderes, Deus, Onisciência e Vida Após a Morte	79
Como as Crianças se Conectam com Deus	80
Onisciência?	82
O Morto-Vivo	86
9. Mundos Possíveis, Mentes Possíveis	93
A Mente Supera a Realidade	96
Pessoas de Todas as Partes São Diferentes, e Elas São as Mesmas Pessoas por Toda Parte	97
Contradições e Progressos	100
10. Chimpanzés, Cachorros e Nós Mesmos	103
Quão Humanos Eles São?	103
Ricas ou Enxutas?	104
Humanos <i>versus</i> Chimpanzés: Compartilhar, Ajudar e Adquirir	110
Meu Cachorro Consegue Decifrar Minha Mente	112
Humanos Temperamentais	114
Inteligência Social	116
11. O Cérebro Social	119
Células que Leem Mentes?	120
RTM: A Rede da Teoria da Mente	124
Cérebros Infantis	127
Cérebros Plásticos	128
12. Oi, Robô	131
O Vale da Estranheza	131
Aprendendo com os Robôs	135
Desenvolvendo Ideias sobre Robôs	139
Moral e Robôs?	142
No Futuro	144
13. Teoria da Mente em Ação	145
Em Ação de Acordo com a Lei	145
Quando a Mente Vem à Tona	147
Os Mistérios da Mente	150
Teoria da Mente em Ação para Adultos Cujas Criança Interior Ainda Vive	151
A Teoria da Mente Agindo Contra Nós	151
Sempre Agindo, Sempre Trabalhando	158
14. Histórias, Teorias e Mentes	159
As Histórias com as Quais Nos Identificamos	161
Autoengano e Erros	162
Não Se Sabe o que Não Se Sabe	167
Decifrando Mentes	168
<i>Agradecimentos</i>	171
<i>Notas</i>	173

1

Decifrando Mentes: Uma Introdução

Em 2010, 33 mineradores chilenos foram encontrados vivos após dezessete dias soterrados a mais de um quilômetro de profundidade. Por meio de um sistema de comunicação inserido no solo, que viabilizou os primeiros contatos com a superfície, um deles pôde, enfim, enviar uma mensagem para sua esposa:

*Pensávamos que morreríamos de fome aqui embaixo. Você não imagina quanto minha alma sofreu querendo que você pelo menos soubesse que ainda estávamos vivos.*¹

Essa mensagem traz à tona um dos aspectos mais fundamentais daquilo que nos caracteriza como seres humanos: constantemente pensamos nos outros e em nós mesmos em termos de nossas próprias atividades mentais. Nessa situação desesperadora, com tantas coisas em jogo, a mensagem do minerador foi um pouco além: ele *pensou* que poderia morrer de fome, *sofreu* com a incapacidade de se comunicar com a esposa e ficou angustiado por ela não *saber* que ele estava vivo.

Com suas habilidades sofisticadas de interpretar estados mentais, é provável que você tenha lido as entrelinhas e acrescentado as próprias impressões à mensagem. Você deve ter captado, por exemplo, sensações como medo, determinação, esperança e exaustão. Não há como saber ao certo qual era o estado de espírito desse minerador, mas sabemos que ele esteve soterrado por dezessete dias antes de ser finalmente localizado e que foram iniciadas as operações de resgate. Somando esses conhecimentos prévios à mensagem enviada, é possível inferir alívio, assim como exaustão física e emocional, decorrentes da situação vivida.

O fato de conseguirmos fazer isso nos define como seres humanos. Todo santo dia, tentamos adentrar a mente das pessoas, observando cada uma de suas palavras e ações, para descobrir quais são seus sentimentos mais profundos, suas esperanças e suas intenções. E o mais surpreendente é que somos bem-sucedidos: penetramos estados mentais alheios e somos capazes de ler, interpretar e comunicar nossos próprios estados mentais — a fim de expô-los às outras pessoas e esclarecê-los a nós mesmos.

Essa leitura natural de mentes alheias é algo que começamos a desenvolver durante a infância e que praticamos incessantemente na idade adulta. Entre incontáveis avaliações superficiais que duram frações de segundo ou julgamentos mais aprofun-

dados, estamos decifrando mentes o tempo todo, sem nem mesmo perceber — e não podemos — nem queremos — evitar isso.

Decifrar mentes é uma habilidade humana fundamental, pois somos seres intrinsecamente sociais — até mesmo o ser mais solitário. Fomos criados em famílias e comunidades e estamos, o tempo todo, interagindo e trabalhando uns com os outros. Não é à toa que queremos extrair algum sentido dessa esfera social, para que possamos entender a nós mesmos e aos outros, trazendo algum princípio de ordem e previsibilidade a essas interações, que, de outra forma, talvez parecessem assustadoramente aleatórias.

Apenas os seres humanos desenvolveram essa habilidade de maneira tão extensiva. Muitos antropólogos, inclusive, acreditam que ela foi crucial para nossa evolução como *Homo sapiens*.² De fato, por ser tão fundamental para a sobrevivência humana, bebês de apenas 10 ou 12 meses de idade já começam a desenvolvê-la, como apontam as pesquisas. A partir daí, crescemos exponencialmente tanto em habilidade quanto em dependência dessa ampla compreensão do funcionamento da mente.

Decifrar mentes é um hábito tão arraigado em nossas vidas que podemos, inclusive, deixar de perceber a frequência com que o fazemos. Por exemplo: uma família se senta à mesa para jantar em uma sexta-feira à noite. Sem essa habilidade, nossas percepções diretas seriam mais ou menos assim:

Sacos de pele enfiados em pedaços de pano decoram cadeiras que se movem de maneira inesperada, enquanto pequenos pontos escuros acima deles se mexem para lá e para cá, e um buraco na parte de baixo desses pontos produz ruídos irregulares.³

Essa é uma descrição no mínimo estranha. Mas basta adicionarmos algumas convenções sociais e os “sacos de pele”³ logo se transformam em humanos, e os “ruídos” se transformam em frases encadeadas, como “Passe as batatas” e “O que tem de sobremesa?”. Acrescenta-se a leitura mental e pronto: entendemos que alguém *quer* comer batatas e que a menina *prefere* sobremesa em vez de legumes. O garoto se mexe na cadeira, inquieto, e praticamente o ouvimos *pensar*: “Ainda não acabou?” Assim, à medida que tentamos decifrar os pensamentos que as pessoas não externalizam, estamos constantemente em um jogo simples e fantástico de decifração que os psicólogos chamam de **mentalização** — uma teoria da mente.

Essa habilidade nos coloca à parte como seres humanos; ela define nossa maneira de pensar sobre nós mesmos e sobre os outros. Aliás, somos a única espécie que se questiona e se preocupa incessantemente com o que os outros estão pensando, querendo ou com o que estão preocupados.

Mais surpreendente ainda é o fato de que esse entendimento tão significativo e diversificado da mente nunca nos é entregue de bandeja ou preestabelecido de alguma forma; cada um de nós elabora, de maneira singular ao longo da vida, uma ampla mentalização, direcionada, entre outras coisas, a entender como funciona nosso meio social. O desenvolvimento da mentalização ao longo da infância e o modo como ela nos define como indivíduos e, principalmente, como seres humanos são o foco deste livro.

Como Tudo Começou

Quando meu filho Trey* tinha acabado de completar 4 anos, ele me disse: “Feche os olhos.”

“Por quê?”, perguntei.

“Vou fazer uma coisa de que você não gosta.”

Trey estava começando a decifrar mentes, mas, por ainda ser muito jovem, nem sempre era bem-sucedido. Ele já entendia que a omissão poderia ajudá-lo: se eu não soubesse do que se tratava, não poderia contestar. No entanto, ainda lhe faltava o passo seguinte: para que sua estratégia funcionasse, eu tinha que continuar sem saber.

Podemos observar esses ajustes iniciais em qualquer criança. É como aprender a andar: primeiro elas engatinham; depois caminham com alguma ajuda; então, finalmente conseguem fazê-lo sozinhas, até que descubrem o prazer de correr. Outro exemplo: aprender a falar, depois a ler e, finalmente, a escrever. É dessa mesma maneira que os pesquisadores observam crianças aprendendo a decifrar mentes — tal como nas habilidades físicas e linguísticas, as mais novas demonstram percepções iniciais que se desenvolverão ao longo da infância.

Quando Trey tinha quase 3 anos, encerramos um passeio ao zoológico em uma loja de brinquedos. Ele ficou fascinado com uma vitrine de bichos de pelúcia repleta de pinguins, filhotes de leões, cobras felpudas e girafas.

“Eu quero um”, disse ele.

“Seu aniversário está chegando, quem sabe você não ganhe um de presente”, respondemos.

Conforme esperado, no dia da festa, ele abriu um pacote que continha um filhote de leão — inesperadamente, começou a chorar. Quando se acalmou, ele falou: “Mas, mas, eu queria aquele verde e peludo.”

*Este nome é fictício. Tenho dois filhos, mas, em virtude de sua privacidade, optei por atribuir a Trey situações que mesclam a vida de ambos.

De volta à loja, ele apontou para um jacaré verde. Esse jacaré, imediatamente nomeado “Bufão”, tornou-se o mais novo membro da família, o que também ocorreu com seus sucessores (Bufão 2, Bufão 3 e Bufão 4). Assim, os desejos de Bufão, tal qual proclamados por Trey, também viriam a se tornar os nossos.

Compreender seus desejos e insistir neles é um dos primeiros passos dados em direção à mentalização. Quase todos os pais certamente se lembram da *terrível crise dos 2 anos* — também conhecida como “adolescência do bebê” —, momento em que, pela primeira vez, as crianças, com cerca de 2 anos, percebem que seus desejos diferem daqueles de seus pais e começam a reivindicá-los, em alto e bom som. Foi assim que Bufão entrou em nossas vidas. Se Trey tivesse 12 meses, ele muito provavelmente não entenderia nada disso.

Decifrando a Mente das Outras Pessoas

Pouco depois de descobrirem a respeito dos próprios desejos, e também dos desejos dos outros, chega o momento em que as crianças começam a prever o que as pessoas vão pensar. No caso de Trey, quando me pediu pra fechar os olhos, ele deve pensado algo como: “Se o papai me vir, ele vai saber que estou fazendo algo proibido.” Fizemos um teste clássico com Trey, que evidenciou tal habilidade: nós lhe mostramos duas caixas em meu laboratório infantil, na Universidade de Michigan. Uma continha doces; a outra era uma caixa comum, toda branca. Quando perguntei o que havia dentro da caixa de doces, ele respondeu de maneira óbvia: “Doces!” Quando a abriu, no entanto, descobriu que estava vazia; a caixa comum, por sua vez, continha todos os doces.

Logo em seguida, Glenda, minha assistente de pesquisa, entrou na sala, e eu fechei as caixas. “Glenda adora doces”, disse a Trey, e ela assentiu. “Onde será que ela vai procurar por eles?”

Na primeira vez que Trey fez esse teste, ele tinha 3 anos e meio; na segunda, tinha acabado de completar 5 anos. Nesse intervalo de tempo, suas habilidades mudaram significativamente. Aos 3 anos e meio, assim como grande parte das crianças dessa idade, ele disse que Glenda procuraria os doces na caixa comum, porque sabia que era lá que eles estavam.

Como vimos, crianças dessa idade já entendem que pessoas diferentes têm desejos diferentes — vide a supracitada *terrível crise dos 2 anos*. No entanto, ainda não aplicam isso aos pensamentos: por exemplo, sabem em qual caixa estão os doces, então lhes parece muito lógico que Glenda também saiba. Não é de surpreender que, nessa faixa etária, as crianças esperem que os pais saibam onde elas deixaram os sapatos, o que aconteceu na creche ou se elas lavaram as mãos, mesmo que eles não estivessem por perto quando essas coisas aconteceram.

E quanto às crianças de 5 anos? Oitenta por cento delas afirmam que Glenda procurará na caixa de doces, assim como Trey fez em seu segundo teste. Com apenas 1 ano e meio de diferença, portanto, as crianças conseguem distinguir o próprio pensamento do pensamento de outra pessoa e já compreendem que, se ela quiser doces, procurará onde *ela mesma* achar que deve — no caso, dentro da caixa de doces. Pode-se dizer que suas ações são conduzidas por crenças incorretas, e não pelo lugar correto. Glenda, então, tem uma crença falsa sobre onde encontrar os doces, e crianças de 5 anos são capazes de acompanhar suas atividades mentais e de antecipá-las.

Se isso parece um tanto brilhante, é porque, de fato, o é. Mas essa inteligência é compartilhada por praticamente todas as crianças de todas as sociedades do planeta Terra — brincadeira de criança, pura e simplesmente. E, por mais simples que pareçam, essas etapas iniciais constituem a base geral de nossa habilidade singular de decifrar mentes. A formação de uma teoria da mente não constitui um trabalho homogêneo; é sua organização complexa e diversificada que nos mostra como entender cada vez melhor o funcionamento da mente social humana. Mais especificamente, é a história de como nos tornamos humanos.

Sem uma teoria da mente, nós não poderíamos cooperar, competir, conhecer a nós mesmos, fazer amigos, aprender a mentir, fingir, interagir com robôs e *smartphones* ou, em geral, nos tornarmos fofoqueiros. Em suma, é por causa disso que alguns de nós se tornam religiosos fervorosos e outros, ateus; que alguns se tornam romancistas; e porque todos nós adoramos ouvir e ler histórias. É também por isso que alguns adoram histórias de terror, enquanto outros as detestam.

Errar É Comum

O princípio básico para entendermos a mentalização é que ela é, justamente, uma teoria, e não um fato. Ou seja, suas lentes filtram, da melhor forma possível, as informações dispostas, fornecendo uma interpretação cabível da situação; é tal qual o prisma que separa o espectro do arco-íris da luz. No entanto, pode ocorrer de a lente estar distorcida ou mal polida, e, então, você chegar a uma resposta imprecisa — tanto para si mesmo quanto para os outros. Para ilustrar isso, vamos analisar o momento em que Adam, de 4 anos, comeu cola⁴:

ADAM: “Tem gosto ruim.”

ENTÃO, SUA MÃE LHE PERGUNTOU: “E por que você colocou na boca?”

ADAM RESPONDEU: “Parecia gostoso.”

Adam poderia jurar que comer a cola seria um deleite, mas ele estava enganado — o que ele tinha em sua mente era uma crença falsa. Ele pensaria duas vezes antes de pegar a cola do pote novamente.

Passamos boa parte de nossos primeiros anos de vida motivados por esforços para aprender o que queremos e o que não queremos e, também, descobrir quando nossos pensamentos estão corretos ou incorretos, ao mesmo tempo em que aprendemos coisas semelhantes sobre as outras pessoas. E tais aprendizados permanecem ao longo da vida adulta.

Tome como exemplo aquele lenço de lã azul que você deu para sua tia Liz. Você o escolheu porque achou que a agradaria, mas ficou evidente, por mais que ela tentasse disfarçar, que você se enganou. Nesse momento, é provável que sua mentalização tenha entrado em ação e que você tenha se perguntado: “Por que ela não gostou? Será que odeia a cor azul ou é alérgica à lã? Ninguém me disse nada sobre isso... Será que ela acha que lenços de lã são para senhoras idosas?” Enfim, você procurou por quaisquer informações úteis relacionadas à mentalização para compreender melhor sua tia Liz.

Todos os episódios relatados até aqui — o presente que deixou tia Liz decepcionada, o fato de Glenda não ter encontrado os doces e a ocasião em que Adam comeu cola — foram infelizes. Mas a falibilidade de uma teoria da mente pode resultar em uma tragédia.

Romeu e Julieta, por exemplo, história que é contada há séculos, baseia-se nesse tipo de erro. Seu desfecho fatal decorre de uma crença falsa.

Como suas famílias são inimigas declaradas, Romeu e Julieta precisam se casar em segredo e escapar rápido, tanto da cidade quanto de seus parentes. Romeu, então, foge sozinho, mas promete retornar para buscar sua amada. Na sua ausência, Julieta bola um plano: ela tomaria um fármaco poderoso que a faria parecer morta por alguns dias e, então, acordaria após seu enterro na cripta da família. Lá, Romeu a encontraria e, enfim, poderiam escapar juntos. Ele, no entanto, não tomou conhecimento de que Julieta ingeriria o fármaco e, ao encontrá-la na cripta, aparentemente morta, se desespera. Não mais desejando viver sem sua amada, ele toma o veneno e morre. Quando Julieta desperta e encontra seu Romeu morto, também perde o desejo de viver e acaba se suicidando.

A dolorosa tragédia dos amantes, portanto, se desenvolve com base em uma crença falsa de Romeu, a qual os amantes do teatro vêm remoendo ao longo de séculos. De forma curiosa, no entanto, mesmo com a revelação de algumas das partes mais complexas que envolvem a tragédia, crianças de apenas 5 anos conseguem compreender que Romeu se enganou, agindo com base em uma crença falsa. Isso certamente é um

passo à frente no desenvolvimento da própria mentalização, cada vez mais sofisticada e mais bem organizada.

Algumas pessoas, porém, não desenvolvem uma teoria da mente e, mesmo assim, podem nos ensinar tanto quanto as crianças ou, até mesmo, Shakespeare.

A Vida sem Decifrar Mentes: Autismo e Cegueira Mental

Temple Grandin é provavelmente uma das autistas mais famosas e funcionais do mundo. Apesar de sua inteligência e suas conquistas — é professora de zoologia na Universidade Estadual do Colorado —, Grandin, assim como outros indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), não tem uma teoria da mente convencional. Longe de ser capaz de decifrar mentes, o quadro dela se caracteriza por uma espécie de cegueira mental.⁵

Grandin, assim como outras pessoas com autismo, pode nos dar uma ideia de como deve ser viver sem desenvolver uma teoria da mente ou sem decifrar mentes. Nas palavras da própria Grandin, ela simplesmente “não entende” a socialização e a interação humana e vem tentando apreender o passo a passo, como quem monta um quebra-cabeças. Quando foi entrevistada por Oliver Sacks, em 1993, ela disse: “A maior parte do tempo, eu me sinto como uma antropóloga em Marte.”⁶

Nessa conversa com Sacks, Grandin contou sobre seu primeiro trabalho, como projetou e implementou um abatedouro de gado humano. Quando a instalação passou a funcionar a pleno vapor, no entanto, ocorreram diversas e incessantes falhas, a despeito de seu planejamento cuidadoso. Por quê?

Ela passou a estudar minuciosamente todas as possibilidades concretas para descobrir o motivo e, eliminando uma após a outra, chegou a um ponto comum: um dos trabalhadores, John. Foi diante dessa situação que ela percebeu, então, que o mundo da pecuária era uma grande província de homens. Como mulher e, portanto, ímpar em um mundo masculino — além de sê-lo socialmente, em virtude de seu autismo —, atraiu muita desconfiança e, é claro, inveja, o que desencadeou uma espécie de sabotagem, algo que ela jamais havia considerado. “Tive que aprender a desconfiar dos outros.”

Como Sacks escreveu: “Em sua ingenuidade e credulidade iniciais, Temple foi vítima de todo tipo de truque e de abusos. Essa inocência decorria de sua dificuldade de compreender a hipocrisia e o fingimento.” Em virtude do autismo, não lhe ocorreu que ela tivesse que examinar as motivações das outras pessoas ou suspeitar que essas motivações poderiam ter como objetivo prejudicá-la. Grandin também declarou a

Sacks que a história de *Romeu e Julieta* a deixou perplexa: “Nunca entendi muito bem o que eles estavam fazendo.”

Não existem duas pessoas autistas iguais no mundo, seja no âmbito de personalidade, de história de vida ou de competência. Devido à enorme variedade de sintomas e déficits, os especialistas concluem que esses indivíduos pertencem ao espectro do autismo. Os mais funcionais dentre eles podem, inclusive, atingir níveis normais ou mesmo excepcionais em linguagem e em QI. Eles se desenvolvem, porém, de maneira desordenada.

Foi o que aconteceu com Temple: aos 3 anos de idade, ela não tinha absolutamente nenhum desenvolvimento linguístico, o que, muitas vezes, já prevê limitações severas para um futuro desenvolvimento. Ao longo da educação infantil, ela foi diagnosticada, inclusive, como uma criança com disfunção cerebral e encaminhada para internamento em uma instituição especializada; sua mãe, no entanto, recusou esse protocolo e a colocou em terapia fonoaudiológica e programas de orientação intensiva. Assim, ela “emergiu” lentamente. Sua autobiografia, lançada nos Estados Unidos em 1986, foi intitulada, no Brasil, *Uma Menina Estranha: Autobiografia de uma autista*. “Adquiri a linguagem gradualmente, palavra por palavra. Antes, eu não proferia uma única frase, só conseguia gritar”, afirma. Temple acabou por se tornar, enfim, uma referência em instalações no campo da pecuária, além de se tornar uma pessoa altamente loquaz.*

O nível das realizações de Grandin é um tanto incomum entre indivíduos autistas, mas isso não atenuou suas dificuldades no que se refere à compreensão e à interação com as pessoas — ela continuou desorientada no mundo social. Somente ao longo dos anos e com muito esforço é que Grandin aprendeu a se colocar no mundo, algo que pessoas com um desenvolvimento normal costumam compreender sem tanta dificuldade. Ela precisou desenvolver alguns métodos para compensar seus déficits com relação à sua teoria da mente.

Uta Frith, psicóloga especialista em autismo na Inglaterra, escreveu que: “O autismo não desaparece. A verdade é que pessoas autistas podem — e geralmente conseguem — compensar suas limitações em um grau notável. No entanto, o déficit persiste como algo que não pode ser corrigido ou substituído.” Ou seja, não existe cura nem se pode “deixá-lo para trás”.⁷

Grandin declarou certa vez: “Se eu pudesse estalar os dedos e não ser mais autista, ainda assim não o faria — porque, com isso, não seria quem sou.” Ela escreveu, ainda, de maneira tocante sobre aquilo que lhe falta:

** O site oficial de Grandin afirma que suas instalações no campo da pecuária estão presentes em países como Estados Unidos, Canadá, Europa, México, Austrália, Nova Zelândia, entre outros. Quase metade do gado abatido na América do Norte é antecipadamente manejado em um sistema projetado por ela.

Não me encaixo na vida social de minha cidade ou universidade. Quase todos os meus contatos próximos são com pessoas do campo da pecuária ou com pessoas interessadas em autismo. Passo a maior parte das noites de sexta-feira e sábado escrevendo artigos. Meus interesses são factuais, e minha leitura recreativa consiste, principalmente, em publicações científicas e sobre a pecuária. Tenho pouco interesse em romances, com todas aquelas relações interpessoais.

E então conclui: “Se eu não tivesse uma profissão tão desafiadora, minha vida seria horrível.”

É possível, portanto, viver sem praticar a mentalização, e Temple Grandin é prova viva disso. No entanto, sua vida também nos mostra o que acontece quando uma pessoa não consegue desenvolver as decifrações mentais mais comuns e cotidianas, que envolvem analisar o que os outros estão pensando, querendo e sentindo.

Avançando

A teoria da mente, como vimos, permeia todo o desenvolvimento infantil e é algo muito mais intrigante e interessante do que fazem parecer os testes de laboratório. A atividade diária de mentalização é, afinal, uma das conquistas intelectuais mais impressionantes e fundamentais de nossa espécie, e se torna ainda mais impressionante quando observamos habilidades de percepção antecipada desabrochar em pessoas já adultas ou nos chamados pontos cegos.

O livro *Decifrando Mentes* mostrará como crianças comuns aprendem a decifrar mentes em uma série de etapas ordenadas, previsíveis e absolutamente fascinantes. O fracasso em aprendê-las pode, inclusive, estagnar o desenvolvimento da criança e, em última análise, do adulto, em diversas habilidades, como competência social, criação de uma história de vida coerente, apreciação de narrativas e, até mesmo, na possibilidade de viver por conta própria. Compreender todos os passos nos permitirá enxergar melhor a natureza da convivência humana, aceitar nossa criança interior e ter uma melhor vivência em nosso meio social.

Neste livro, traçarei conexões entre as percepções iniciais de uma criança de 3 anos, com seu faz de conta, e as realidades inventadas por romancistas. Mostrarei como a concepção de crianças de 6 anos que acreditam em super-heróis leva a uma concepção teológica de experiências relacionadas a Deus e à vida após a morte. Mostrarei, ainda, como a crescente conscientização das crianças a respeito de seus sentimentos e pensamentos está relacionada não apenas ao período chamado de “adolescência do bebê”, mas também à sua inclinação espontânea ao perigo, o que, por sua vez, conduz ao raciocínio moral e legal na idade adulta.

Este livro apresentará, portanto, mentirosos, cientistas, crianças bonitinhas, diferentes culturas, mentes ordinárias e extraordinárias, além da forma como bebês, cérebros, chimpanzés e cães operam. Ou seja, mostrará como as crianças dependem da expansão da teoria da mente para se transformarem em políticos, cientistas, partes de uma equipe ou estelionatários.

O livro *Decifrando Mentes* aborda questões relacionadas ao mundo social cujas respostas já foram anunciadas em nossas habilidades iniciais de leitura mental. Por que, afinal, somos tão fascinados por fofocas? E por que conversamos uns com os outros e, também, com nossos animais de estimação e dispositivos? Por que quase todas as mídias, os livros infantis e as formas de autoconhecimento sempre envolvem diversas histórias? E o que dizer da vida após a morte, dos amigos imaginários, da crença em divindades, da personalidade, da onisciência...?

Nunca conheci alguém que não se sentisse minimamente curioso a respeito das pessoas. Este livro foi escrito para ajudar a satisfazer esse sentimento.

AMOSTRA

2

Decifradores de Mente, Fofoqueiros e Mentirosos

Em todas as sociedades e culturas, os adultos adoram fofocar. Isso ocupa cerca de 65% do tempo de conversação, de acordo com pesquisadores que acompanharam conversas em shopping, vagões de metrô e saguões de aeroporto.¹ Essas informações, aliás, independem de idade ou gênero de quem está falando.

É claro que existem exceções. Temple Grandin, por exemplo, escreveu que toda essa conversa fiada a entedia. Ao longo da adolescência, o convívio com as colegas que conversavam sobre roupas, namorados e sobre o que fulano disse para sicrano lhe parecia um tanto fútil. “Eu não conseguia entender por que elas passavam horas e horas conversando sobre assuntos tão insubstanciais.”²

Para o restante de nós, no entanto, as fofocas têm algo de cativante, a ponto de os cientistas se perguntarem por quê.

Fofocas: É Possível Culpar Seu DNA Primata?

Em seu livro *Grooming, Gossip, and the Evolution of Language* [“A Fofoca e a Evolução da Linguagem”, em tradução livre], o antropólogo comparativo Robin Dunbar sustenta que o hábito da fofoca tem raízes tão extensas que remetem à nossa herança primata e que os humanos teriam sido, por excelência, os primatas a se destacarem nesse aspecto.

É muito comum que se associe a fofoca à superficialidade ou mesmo ao hábito de especular sobre a vida alheia. No entanto, em geral, é um relato revelador sobre outra pessoa — seja bom ou ruim, verdadeiro ou falso. Parte da razão de nos sentirmos tão atraídos pela fofoca é que ela acaba proporcionando uma área extensa de investigação no que se refere ao funcionamento interno de um número muito maior de pessoas do que poderíamos vir a conhecer.

Os Estados Unidos têm um longo histórico de fofocas impressas. Louella Parsons e Hedda Hopper, por exemplo, publicavam rumores sobre estrelas de Hollywood já nas décadas de 1930, 1940 e 1950, em diversas colunas de jornais com ampla distribuição em todo o país. Por outro lado, as colunas que trazem conselhos, como aquelas escritas por Ann Landers, Carolyn Hax e Abigail VanBuren, envolviam fofocas do dia a dia sobre as pessoas comuns. Gostamos de ler coisas desse tipo porque nos dão algum vislumbre sobre a vida e os dilemas dos outros, mesmo quando não se aplicam a nós.

Após isso, surgiriam diversas publicações quase exclusivamente dedicadas a fofocas, como é o caso da revista *People*, uma das mais populares nos Estados Unidos. Em 2017, a revista esteve em 9º lugar na lista de periódicos de maior circulação do país, sendo que a *AARP* ficou em 1º e a *Sports Illustrated*, em 12º lugar.

Além de trazer pequenos esquetes como “3 verdades e 1 mentira”, a *People* dedica textos mais elaborados, repletos de citações, à vida das pessoas. Em uma entrevista recente com Eva Longoria, publicou o seguinte trecho:

Tive a sorte de aprender, ainda jovem, a palavra “voluntário”. Era uma palavra muito usada por minha família. Na Fundação Eva Longoria, eu queria focar a área da educação; então pesquisei muito para descobrir qual era o grupo de pessoas que mais sofria com as disparidades educacionais nos Estados Unidos. Quando descobri que elas eram de origem latina, pensei: “Eu também sou latina, e essas pessoas precisam de ajuda.”⁷³

A revista *People* estava mais preocupada em focar sobre Eva do que no conteúdo de seu relato, assim aconteceu com Donald Trump e Melania ou as Kardashians. É isso que nos proporciona breves lampejos (ou talvez apenas especulações) de como funcionam suas mentes, quais são seus pensamentos, sonhos, suas esperanças e decepções.

Embora a grande maioria dos leitores da revista *People* seja composta de mulheres, isso não quer dizer que só elas ouvem ou repassam as fofocas. Eu mesmo sou assinante da *Sports Illustrated*, uma revista de fofocas para fãs de esportes — que são, em sua maioria, homens.

Nas matérias da *Sports Illustrated*, o conteúdo quase nunca trata exclusivamente dos jogos, das séries e pontuações em si, mas da maneira com que os atletas, os treinadores e as equipes lidam com vitórias, derrotas e lesões físicas. Os eventos acabam se tornando, então, pontos de partida para tratar de vidas alheias, com relação a suas trajetórias pessoais e profissionais.

Nada deixou isso mais claro do que os artigos para o Super Bowl 50, a 50ª temporada da final de campeonato da principal liga de futebol americano dos Estados Unidos. Será que os Denver Broncos venceriam gloriosamente com um último lance de Peyton Manning? E seria este o capítulo final adequado para uma temporada tão dramática ou para a carreira de um dos melhores jogadores de todos os tempos?

As reportagens acompanharam a saga de Manning se reinventando aos 39 anos como *quarterback* de um sistema ofensivo muito diferente. Elas incluíam detalhes sobre seu péssimo início de temporada (dezessete interceptações e apenas nove *touchdowns* em nove jogos), sua decorrente substituição (a primeira de sua carreira

profissional), outra lesão (a última de muitas), seu renascimento e, enfim, a sequência final de vitórias que culminaria no troféu do Super Bowl.

E o que dizer dos méritos do diretor-geral, John Elway, na contratação de Manning? Também não podemos esquecer o relacionamento forjado entre os dois nos bastidores. Todos esses elementos resumem, enfim, uma das formas mais amplas e interessantes da fofoca.

Eis que chegamos ao ponto central: a fofoca apenas existe por causa de nossas teorias da mente. Além disso, ela não acontece somente no meio social — falar com, ou sobre, outras pessoas —, mas também na área sociocognitiva: por meio da fofoca, aprendemos sobre as intenções, as peculiaridades, os gostos, as crenças, os comportamentos e as falhas humanas. Portanto, direta (por meio de conversas) ou indiretamente (por meio da mídia), a fofoca sempre acaba refletindo nossa predisposição a analisar a vida, os pensamentos e as ações de outras pessoas. E revela a forma como nossa teoria da mente funciona. Ou seja, a fofoca é motivada por nosso entendimento da relação entre pensar e querer.

Decifrando Mentes: Aprofundamento

Desde muito cedo em nossas vidas, tentamos descobrir por que as pessoas são como são e por que fazem o que fazem, baseando-se em suas ideias, vontades, intenções e em seus sentimentos. Para isso, estruturamos essas informações em uma teoria da mente que nos ajude a compreender o todo por suas partes.

Esse processo diário de análise de outras pessoas é organizado em três grandes categorias: seus pensamentos, suas necessidades e suas ações. É muito comum acreditarmos que as duas primeiras categorias direcionam para a última. Vejamos novamente a citação da fala de Eva Longoria: “eu *queria* focar a área da educação [...] *pensei*: ‘Eu também sou latina, e essas pessoas precisam de ajuda’”. Com base em seus pensamentos e suas necessidades, portanto, ela *agiu* para instituir a Fundação Eva Longoria, visando “ajudar as mulheres latinas a melhorarem suas condições de vida por meio da educação”.

Da mesma forma, John Elway *pensou* que Manning, mesmo beirando os 40 anos, ainda guardava dentro de si mais uma vitória no Super Bowl. Elway *quis* essa vitória para Denver, para os Broncos e para o próprio Manning. Sua *ação*, portanto, foi trazê-lo para o time.

Uma Psicologia do Cotidiano para Não Especialistas

Nossa teoria comportamental básica se desenvolve com base nas interações sociais e em alguns aspectos como a fofoca. Nós não a aprendemos no ensino formal, portanto

ela não depende de fatores como ego e identidade, terapias e transtornos mentais ou atividades cerebrais e hormônios. Pelo contrário, é baseada no senso comum, por isso também é chamada de psicologia do cotidiano ou intuitiva.

Na psicologia intuitiva, que funciona por meio da relação entre pensar e querer, os pensamentos e as vontades são categorias básicas que incluem alguns subtipos e algumas sutilezas.

Pensamentos incluem	Vontades incluem
Ideias	Preferências
Conhecimento	Esperanças
Convicções	Motivações
Suposições	Inclinações
Crenças	Desejos
Indagações	Compromissos

Por experiência própria, você deve saber que os pensamentos, as vontades e as ações, mesmo em versões mais aprofundadas, não dão conta da realidade. Nossos pensamentos e nossas vontades levam a impulsos, emoções e percepções, seguidos de reações em resposta a nossas ações. Desse mosaico, criamos uma teoria da mente — que nada mais é do que nossa própria forma de enxergar como a sociedade funciona (Figura 2.1).

A Figura 2.2 mostra uma possível perspectiva para Romeu, que, de tanto *amar* Julieta, *quer* estar com ela para sempre. Por ter *visto* o longo desenrolar do conflito de seu clã familiar com os Capuletos, ele *sabe* que as famílias entrarão em conflito de forma violenta, portanto se casa com Julieta em segredo. Sempre que pode estar junto da amada, Romeu fica em *êxtase* de tal maneira que, quando são forçados a se separarem, ele se sente *devastado*.

TEORIA DA MENTE

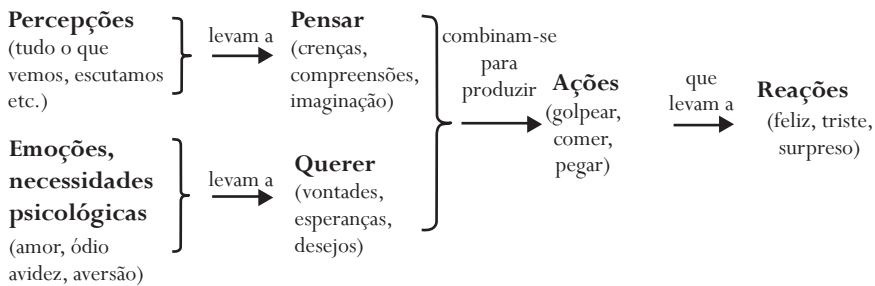


Figura 2.1 Alguns conceitos e conexões que utilizamos para entender as ações e motivações humanas.

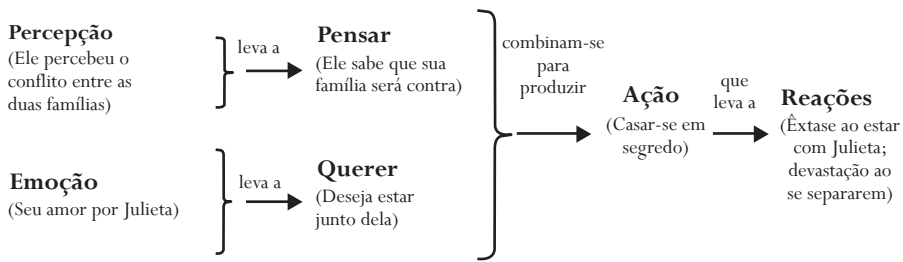
ROMEU

Figura 2.2 O quadro geral de ações e estados apresentados na Figura 2.1, aplicados a Romeu.

Essa estrutura também nos permite explicar e antever comportamentos: você pode segui-la da direita para a esquerda para explicar os eventos ou seguir a forma inversa para prevêê-los.

Explicação: por que Romeu quer estar com Julieta? Ora, ele *a ama*. E por que se casam em segredo? Porque ele *observou* o conflito entre sua família e os Capuletos e *sabia* que seriam contra o matrimônio.

Previsão: como você acha que Romeu se sentirá quando ele e Julieta se casarem? É claro que ele ficará feliz, até mesmo *extasiado*. Como você acha que ele se sentirá quando forem forçados a se separar? Ele ficará *devastado*.

Nossos estados emocional e fisiológico alimentam nossos desejos. Percepções e vivências, por outro lado, fundamentam pensamentos, enquanto ações produzem resultados, que provocam reações adicionais. Esse é nosso modo de entender as pessoas, e essa é a base da imensa e poderosa estrutura que nos ajuda a dar sentido para nossa vida em sociedade. Usamos esse processo diariamente, repetidas vezes — mesmo que inconscientemente — na vivência em sociedade. Ao compreender esse processo, inclusive, conseguimos entender fofocas, intenções, ações, emoções, pensamentos e, até mesmo, *Romeu e Julieta*. Ele nos permite decifrar mentes.

Não à toa, ao utilizarmos nossa teoria da mente, formulamos previsões e explicações bastante confiáveis; mas também pode ocorrer, é claro, de não captarmos bem os sinais, como Romeu, quando achou que sua Julieta adormecida estava morta. Obviamente, é muito mais confortável achar que não erramos, pelo menos não por falta de competência: isso dá sensação de segurança, de entendimento das coisas — as mesmas razões pelas quais, afinal, começamos a elaborar uma teoria da mente.

Os cientistas descobriram, todavia, alguns domínios específicos em que as compreensões e previsões se revelaram fracas e insuficientes. Um exemplo notável é que